

Preconceito, abuso e esperança

PROSA & VERSO

A escritora americana Sapphire fala sobre a história de abuso e esperança narrada em "Preciosa", que virou filme.



Preconceito, abuso e esperança

Sapphire desvenda a realidade de 'Preciosa', sucesso em livro e filme

André Miranda

A narrativa da americana Sapphire, em seu único romance, não é uma leitura que se possa considerar agradável. "Eu levei bomba quando tava com 12 anos por causa que tive um neném do meu pai", escreve ela, sob o ponto de vista da protagonista, na primeira linha de "Preciosa". "Foi em 1983. Fiquei um ano fora da escola. Esse vai ser meu segundo neném", continua, revelando alguns elementos que serão

explorados ao longo da trama. Mas ainda tem mais: "Minha filha tem Síndrome de Dao. É retardada".

"Preciosa" foi lançado nos EUA em 1996 e logo se tornou uma sensação. O que primeiro chamou atenção foi a maneira realista com que a personagem Claireece Precious Jones narra sua própria história. Em seguida, os leitores voltaram seus olhos para a professora negra, lésbica e até então autora de poesias de pouca repercussão, responsável por criar Precious.

— Eu me defino como uma mulher afro-americana, escritora, e que está determinada

Preconceito, abuso e esperança

a usar sua energia para escrever, escrever, escrever e escrever mais — contou Sapphire ao GLOBO, em entrevista por telefone.

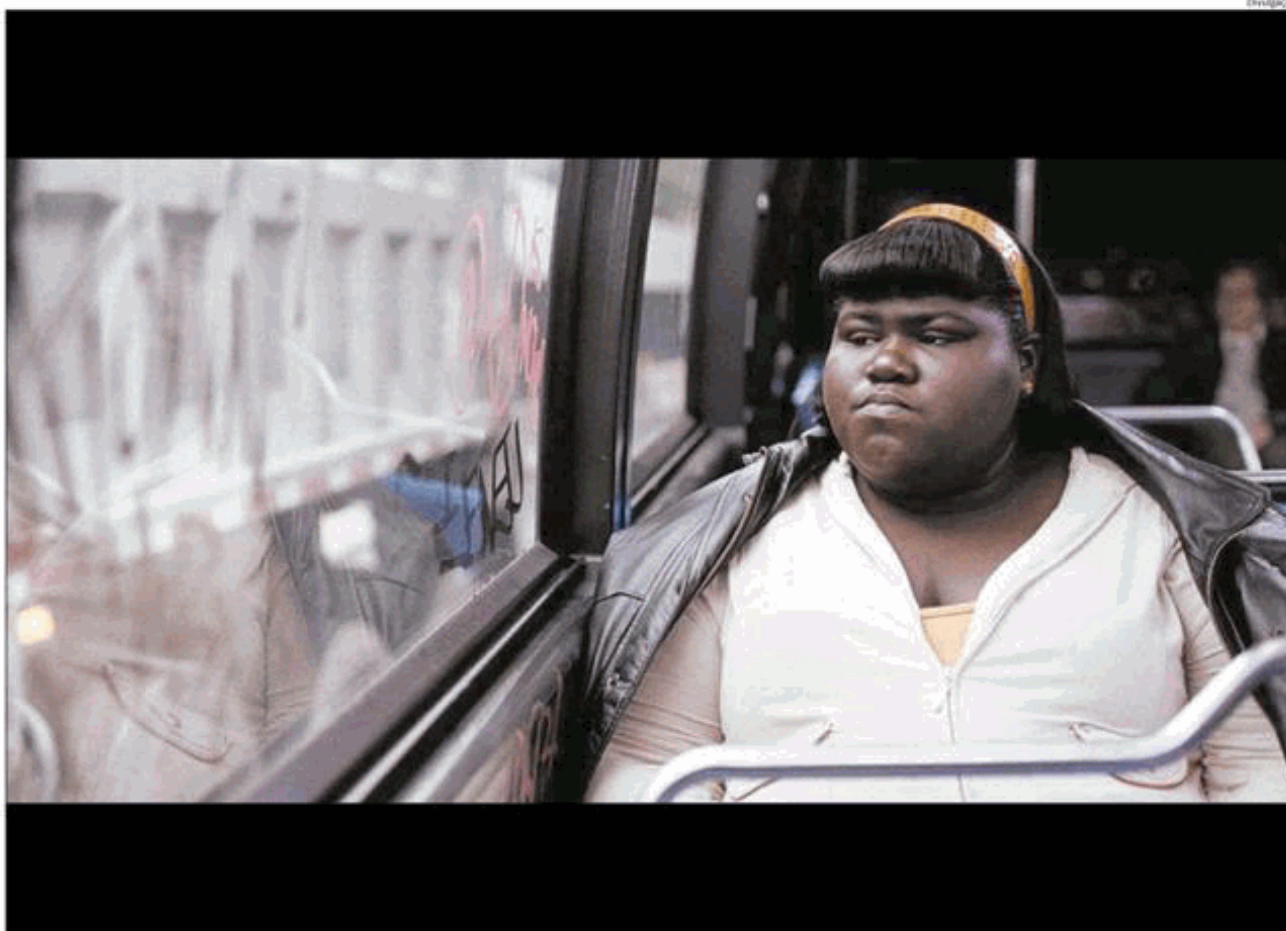
O romance chega ao Brasil este mês, pela editora Record (tradução de Alves Calado, 192 páginas), aproveitando a repercussão da temporada de prêmios do cinema americano. Porque sim, como acontece com a maioria dos livros de sucesso, "Preciosa" teve seus direitos vendidos para o cinema. O resultado foi um longa-metragem (dirigido por Lee Daniels, com estrela prevista no Brasil para 12 de fevereiro) tão chocante quanto o romance e que, talvez exatamente pelas sensações que

provoca, é um forte candidato ao Oscar.

O impacto, compartilhado por livro e filme, está na visão de uma personagem vítima dos mais diversos tipos de preconceitos e abusos. Precious é negra, obesa e pobre. Tem 16 anos e vive no Harlem, em Nova York. Seu pai a estupra desde que ela é criança, sua mãe a maltrata, e sua filha, portadora de Síndrome de Down, é chamada de "Monguinha" pela família. Precious também não sabe ler e, durante a trama, descobre que é portadora do vírus da Aids, passado pelo pai. Ainda assim, Precious tem esperança.

Continua na página 2

Divulgação



GABOUREY SIDIBE vive a protagonista Precious no filme de Lee Daniels: forte concorrente ao Oscar

Preconceito, abuso e esperança



DEPOIS DO sucesso do filme baseado em seu livro, Sapphire pretende lançar um novo romance, seu segundo, sobre um jovem negro que trabalha no mercado de arte de Nova York

Sapphire escreveu "Preciosa" a partir de sua experiência como professora de retórica em escolas do Harlem e do Bronx. Mas não houve uma aluna apenas que deu origem à protagonista Precious: foram várias. Dessa maneira também foi elaborado o perfil da Srta. Rain, a professora que dá autoestima e ensina Precious a escrever. A personagem, lésbica e bondosa, é vista como um alter-ego da própria Sapphire. Mas a autora rejeita a comparação.

— Eu dava aula para jovens, mas também era uma espécie de coordenadora. Eu ia de clas-

se em classe dando atenção para outros professores, me sentava nas salas e observava como eles ensinavam. Muitos personagens do livro vêm daí. A Precious foi composta a partir de diferentes alunos. Eu realmente tive uma aluna que teve um filho de seu pai quando tinha 12 anos, tive outro que era HIV positivo e ainda um que era analfabeto. Juntei todas essas experiências numa única pessoa — explica. — Para a Srta. Rain, eu também juntei as melhores características de outros professores para criar uma pessoa doce e perfeita. Ela é como um anjo. Esta, de-

finitivamente, não sou eu. Até gostaria que fosse (risos).

Nascida na Califórnia, em 1950, Sapphire se mudou para Nova York nos anos 1970, em meio ao movimento hippie. Foi naquela época que decidiu abandonar seu nome de batismo, Ramona Lofton, e adotar seu apelido como nome artístico. A razão era simples: durante a Era de Aquário, não dava para imaginar uma autora chamada Ramo-

Preconceito, abuso e esperança

na, certo?

Depois de publicar dois livros de poesia, Sapphire, então, partiu para seu projeto mais ambicioso. "Preciosa" é um relato catártico de sua protagonista. Escrito em primeira pessoa, o texto procura assumir a forma da escrita de uma adolescente humilde e recém-alfabetizada.

Personagem da mãe foi alvo de críticas de associações

São, portanto, muitos os erros gramaticais e ortográficos ao longo do livro, com a intenção de se aproximar de uma linguagem oral — e às vezes bastante chula. Para Sapphire, essa era a melhor maneira de alertar a sociedade para os abusos e preconceitos pelos quais não apenas Precious, mas muitas crianças passavam.

— Hoje, as pessoas ainda se chocam com o que está no livro, mas o efeito é diferente. Quando "Preciosa" foi publicado, em 1996, a internet ainda não era forte. Foi só com a internet que nós conseguimos observar até onde pode chegar o abuso sexual contra crianças e ver como os adultos podem ter um comportamento predatório com elas. Atualmente, nos EUA, mil crianças estão desaparecidas. O FBI diz que, depois de duas ou três horas de sequestro, as crianças são mortas. Nós não sabíamos disso naquela época, mas agora é uma informação difundida — diz. — Como um livro pode surpreender depois que um homem na Áustria mantém sua filha escondida por anos e tem filhos com ela? Isso não fazia parte das conversas nos anos 1990. Acontecia, mas não aparecia impresso nos jornais. No primeiro escândalo de abuso sexual envolvendo padres, lembro que dois dos mais importantes jornais americanos não publicaram por medo de enfrentar a Igreja Católica.

"MEU NOME É CLAIREECE

Precious Jones. Não sei por que tô contando isso. Acho que é porque não sei até onde vou com essa história, nem sei se isso é uma história nem por que tô falando; nem se vou começar do começo ou daqui desse ponto ou daqui a duas semanas. (...) Claro, a gente podemos fazer o que quiser quando tá falando ou escrevendo, não é que nem viver, quando a gente só podemos fazer o que tá fazendo. Tem gente que conta uma história que não faz nenhum sentido nem é de verdade. Mas eu vou tentar fazer sentido e contar a verdade, se não de que porra adianta? Já não tem mentira e merda demais por aí?"

Trecho do livro "Preciosa"

Outro aspecto chocante do romance está na descrição de Mary, a mãe de Precious. Em dramas familiares, por mais terríveis que sejam, as mães costumam ser os únicos personagens com algum amor para compartilhar. É a figura protetora e compreensiva, é a Nossa Senhora católica, capaz de perdoar qualquer erro. Mary, porém, é descrita como um monstro que bate, xinga e permite que Precious seja estuprada pelo pai. A personagem chegou a motivar protestos de associações no Harlem.

— A mãe de Precious representa o que acontece quando as pessoas não recebem ajuda. Ela é um aviso para a sociedade. Sua monstruosidade pode ser transferida para a geração seguinte se os jovens não tiverem

educação. Obviamente, a mãe sofreu algum tipo de abuso ou ela não seria tão indiferente ao que acontece com Precious. Mary nunca teve educação, nunca teve uma Srta. Rain para mostrar as regras — explica Sapphire. — A personagem foi rejeitada profundamente pelas mulheres afroamericanas de meia idade, com seus 30 ou 40 anos. Elas simplesmente diziam que nada como aquilo jamais havia acontecido. Mas as adolescentes e as mulheres mais jovens, com seus 20 anos, diziam que a sociedade estava acobertando as coisas. Elas diziam que haviam sofrido abusos como os praticados por Mary.

Filme foi indicado ao Globo de Ouro de melhor drama

Em meio a tanta desgraça, Precious se apegava ao sonho de mudar de vida. Ela se imaginava em capas de revistas, como um estrela pop ou numa rotina familiar de amor com seus pais. É a esperança que move a personagem a seguir em frente, apoiada pela Srta. Rain. E se livros de sucesso já são motivo de comichão em Hollywood, dramas com personagens que comem o pão que o diabo amassou e ainda assim acreditam que podem se reerguer, então, são vistos como uma mina de ouro. Foram, portanto, muitas as propostas para que Sapphire vendesse os direitos de seu romance para um grande estúdio. A autora, porém, recusou todas durante dez anos.

— Eu não queria que transformassem o livro numa história leve. Também não queria que enfatizassem demais o conteúdo sexual. Sabe aqueles filmes científicos, em que uma flor se abre

Preconceito, abuso e esperança**"UNS TRÊS MÊS DEPOIS**

que a neném nasceu, eu ainda tinha 12 anos nesse tempo, mamãe me deu um tapa. COM FORÇA. Depois pegou uma frigideira de ferro, graças a Deus não tinha gordura quente dentro, e me bateu com tanta força nas costas que eu caí no chão. Depois me chutou nas costelas. Depois disse:

— Obrigada, dona Claireece Precious Jones por fuder com meu marido, sua putinha suja! — Eu achei que ia morrer, não conseguia respirar, o lugar onde eu tive a neném doía. — Sua puta gorda vagabunda! Piranha preta porca! Ele me abandonou! Ele me deixou por sua causa. (...) Eu devia MATAR você! — ela ficou berrando pra mim."

Trecho do livro "Preciosa"

em poucos minutos na sua frente, acelerando um processo que costuma demorar duas semanas? Eu gostaria que um filme sobre meu livro mostrasse a alma daquela garota se abrindo na tela. Eu não queria um filme que focasse apenas no fato de ela ser negra, obesa, ter sofrido incesto, sofrido estupro. Eu queria alguém que mostrasse como a alma humana abriria suas pétalas — conta. — Por isso disse muitos não. Mas Lee Daniels apareceu e me mostrou seus trabalhos anteriores. Não eram parecidos com "Preciosa", mas dava para ver que ele tinha coragem e coração para levar o projeto adiante.

A aposta deu certo. "Preciosa", o filme, já recebeu 40 prêmios. O último foi um Globo de Ouro de atriz coadjuvante

para Mo'Nique, que interpreta Mary. Ainda no Globo de Ouro, ele foi indicado aos prêmios de filme de drama e de atriz de drama, este para a estreante Gabourey Sidibe, que vive a protagonista. Sua estreia nos cinemas brasileiros está marcada para 12 de fevereiro, dez dias após o anúncio dos indicados ao Oscar. Hoje, não há quem duvide que "Preciosa" estará na disputa pela estatuetta mais almejada do cinema.

No elenco, além de Mo'Nique e Gabourey, estão Paula Patton (Srta. Rain), Mariah Carey (a assistente social Srta. Weiss) e Lenny Kravitz (o enfermeiro John), entre outros.

— Eu sei que nenhum filme é igual ao livro, até porque seria chato se fosse assim, mas acho que eles foram realmente verdadeiros à essência do romance e fizeram uma história de força e beleza — diz a autora. — Eu amei o filme.

O sucesso de "Preciosa" nos cinemas fez com que Sapphire voltasse a ser celebrada nos EUA depois de quase 15 anos em que ela lançou apenas um livro de poesia. Há pouco mais de dois anos, a autora largou o trabalho como professora, com a intenção de fazer um doutorado e voltar a escrever. Ela prepara um romance sobre um jovem negro envolvido no mercado de arte de Nova York.

— Será um artista num mundo mais integrado do que o de Precious. O mundo mudou. As pessoas estão mais conscientes. Espero que meu livro tenha ajudado. O que quis fazer foi dizer, para jovens como Precious, que eles não são invisíveis e que suas vidas merecem ser preservadas. Não são lixo. São seres vivos. ■

Caminho entre livraria e cinema

• A badalação cinematográfica do verão fez com que as editoras levassem para as livrarias obras que deram origem a filmes. Além de "Preciosa", a Record lança até fevereiro os livros "Amor sem escadas", de Walter Kirn (este outro forte concorrente ao Oscar); "Chéri", de Colette; "Os homens que encaravam as cabras"; de Jon Ronson; e "Um segredo de família", de Philippe Grimbert. Todos se tornaram longas-metragens homônimos e todos, com exceção de "Preciosa" e "Os homens...", já chegaram aos cinemas.

Outro que deu origem a um filme em cartaz é "A história de Lula, o filho do Brasil", de Denise Paranã. A obra ganhou um relançamento pela Objetiva. Já no fim do ano passado, o infanto-juvenil "Onde vivem os monstros", de Maurice Sendak, chegou às livrarias pela Cosac Naify, anunciando o filme homônimo que entrou em cartaz na semana passada. Ainda pela Cosac, uma nova publicação fez o caminho inverso: "Meu tio", romance de Jean-Claude Carrière feito a partir do filme clássico de Jacques Tati.